

Revista Brasileira. Rio de Janeiro, ano II, tomo V, 1º. de julho de 1880

MACHADO
DE ASSIS

TU SÓ, TU, PURO AMOR...

COMEDIA (*)

Tu só, tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga...
(Luzidas, 3, cxix.)

Pessoas

CAMÕES.
D. ANTONIO DE LIMA.
CAMINHA.
D. MANOEL DE PORTUGAL.
D. CATHARINA DE ATHAYDE.
D. FRANCISCA DE ARAGÃO.

Sala no paço.

1ª edição

SCENA I

CAMINHA, D. MANOEL DE PORTUGAL

(Caminha vem do fundo, á esquerda; vae a entrar pela porta da direita, quando lhe são D. Manoel de Portugal, a rir.)

CAMINHA

Alegre vindes, senhor D. Manoel de Portugal. Disse-vos
El-rei alguma cousa graciosa, de certo...

(*) Escripção para as festas organizadas pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, no tricentenário de Camões, e representada no theatro de D. Pedro II.

1880

D. MANOEL

Não; não foi El-rei. Adivinhae o que seria, se é que o não sabeis já.

CAMINHA

Que foi?

D. MANOEL

Sabeis o caso da gallinha do duque de Aveiro?

CAMINHA

Não.

D. MANOEL

Não sabeis?— Pois é isto; uns versos mui galantes do nosso Camões. (*Caminha estremece e faz um gesto de má vontade*) Uns versos como elle os sabe fazer. (*A parte*) Dêe-lhe a noticia. (*Alto*) Mas, devéras, não sabeis do encontro de Camões com o duque de Aveiro?

CAMINHA

Não.

D. MANOEL

Foi o proprio duque que m'o contou agora mesmo, ao vir de estar com El-rei...

CAMINHA

Que houve então?

D. MANOEL

Eu vol-o digo; achavam-se hontem, na egreja do Amparo, o duque e o poeta...

CAMINHA, com enfado

O poeta! o poeta! Não é mais que engenhar ali uns péccos versos, para ser logo poeta! Desperdiçaes o vosso entusiasmo, senhor D. Manoel. Poeta é o nosso Sá, o meu grande Sá! Mas, esse arruador, esse brigão de horas mortas...

D. MANOEL

Parece-vos então...?

CAMINHA

Que esse moço tem algum engenho, muito menos do que lhe diz a presumpção d'elle e a cegueira dos amigos; algum engenho não lhe nego eu. Faz sonetos soffríveis. E canções... digo-vos que li uma ou duas, não de todo mal alinhavadas. Pois então? Com bôa vontade, mais exforço, menos soberba, gastando as noites, não a folgar pelas locandas de Lisboa, mas a meditar os poetas italianos, digo-vos que pôde vir a ser...

D. MANOEL

Acabae.

CAMINHA

Está acabado: um poeta soffrível.

D. MANOEL

Devéras? Lembra-me que já isso mesmo lhe negastes.

CAMINHA, sorrindo

No meu epigramma, não? E nego-lh'o ainda agora, se não fizer o que vos digo. Pareceu-vos gracioso o epigramma? Fil-o por desenfado, não por odio... Dizei, que tal vos pareceu elle?

D. MANOEL

Injusto, mas gracioso.
Tomo V—1.º de junho, 1880

CAMINHA

Sim? Tenho em mui boa conta o vosso parecer. Algum tempo suppuz que me desdenhaveis. Não era impossivel que assim fosse. Intrigas da côrte dão azo a muita injustiça; mas principalmente acreditei que fossem artes d'esse rixôso... Juro-vos que elle me tem odio.

D. MANOEL

O Camões?

CAMINHA

Tem, tem...

D. MANOEL

Porque?

CAMINHA

Não sei, mas tem. Adeus.

D. MANOEL

Ides-vos?

CAMINHA

Vou a El-rei, e depois ao meu senhor infante. (*Corteja-o e dirige-se para a porta da direita. D. Manoel dirige-se para o fundo.*)

D. MANOEL, andando

Eu já vi a taverneiro

Vender vaca por carneiro...

CAMINHA, volta-se

Recitaes versos?... São vossos?... Não me negueis o gosto de vos ouvir.

D. MANOEL

Meus não; são de Camões... (*Repete-os descendo a scena*)

Eu já vi a taverneiro

Vender vaca por carneiro...

CAMINHA, sarcastico

De Camões?... Galantes são. Nem Virgilio os daria melhores. Ora, fazei o favor de repetir commigo:

Eu já vi a taverneiro

Vender vaca por carneiro...

E depois? Vá, disse-me o resto, que não quero perder iguaria de tão fino sabor.

D. MANOEL

O duque de Aveiro e o poeta encontraram-se hontem na igreja do Amparo. O duque prometteu ao poeta mandar-lhe uma gallinha da sua mesa; mas só lhe mandou um assado. Camões retorquiou-lhe com estes versos, que o proprio duque me mostrou agora, a rir:

Eu já vi a taverneiro,

Vender vaca por carneiro;

Mas, não vi, por vida minha,

Vender vaca por gallinha,

Senão ao duque de Aveiro. (*)

Confessae, confessae, senhor Caminha, vós que sois poeta, confessae que ha ahi certo pico, e uma simpleza de dizer... Não vale tanto de certo como os sonetos d'elle, alguns dos quaes são sublimes, aquelle, por exemplo:

De amor escrevo, de amor trato e vivo...

ou este:

Tanto de meu estado me acho incerto...

Sabeis a continuação?

(*) Ainda que se não possa fixar data a esta anecdota, usei della por me parecer um curioso rasgo de costumes. Engana-se, creio eu, o Sr. Theophilo Braga, quando affirma que ella só podia ter occorrido depois do regresso de Camões a Lisboa, allegando, para fundamentar essa opinião, que o titulo de duque de Aveiro foi creado em 1557. Digo que se engana o distincto escriptor, porque eu encontro o duque de Aveiro, cinco annos antes, em 1552, indo receber, na qualidade de embaixador, a princeza D. Joanna, noiva do principe D. João (Veja Mem. e Doc. annexos aos *Annaes de D. João III*, pags. 440 e 441); e se Camões só em 1553 partiu para a India, não é impossivel que o epigramma o caso que lhe deu origem fossem anteriores.

CAMINHA

Até lhe sei o fim :

Se me pergunta alguém porque assim ando
 Respondo que não sei, porém suspeito
 Que só porque vos vi, minha senhora.

(*Fitando-lhe muito os olhos*) Esta senhora... Sabeis vós,
 de certo, quem é esta senhora do poeta, como eu o sei, como o
 sabem todos... Naturalmente amam-se ainda muito?..

D. MANOEL a parte

Que quererá elle?

CAMINHA

Amam-se por força.

D. MANOEL

Cuido que não.

CAMINHA

Que não?

D. MANOEL

Acabou, como tudo acaba.

CAMINHA, sorrindo

Andae lá ; não sei se me dizeis tudo. Amigos sois, e não é im-
 possível que também vós... Onde está a nossa gentil senhora
 D. Francisca de Aragão?

D. MANOEL

Que tem?

CAMINHA

Vêde: um simples nome vos faz estremecer de colera. Mas,
 abrandae a colera, que não sou vosso inimigo; mui ao con-
 trario; amo-vos, e a ella também... e respeito-a muito. Um
 para o outro nascestes. Mas, adeus, faz-se tarde, vou ter
 com El-rei. (*Sae pela direita*)

SCENA II

D. MANOEL DE PORTUGAL

Este homem! Este homem!.. Como se os versos d'elle,
 durose ensóssos... (*Vae á porta por onde Caminha saiu,
 e levanta o reposteiro*). Lá vae elle; vae cabisbaixo; rumina
 talvez alguma cousa. Que não sejam versos! (*Ao fundo appa-
 recem D. Antonio de Lima e D. Catharina de Athayde.*)

SCENA III

D. MANOEL DE PORTUGAL, D. CATHARINA DE ATHAYDE,
 D. ANTONIO DE LIMA

D. ANTONIO DE LIMA

Que espreitaes ahi, senhor D. Manoel?

D. MANOEL

Estava a vêr o porte elegante do nosso Caminha. Não vades
 suppôr que era alguma dama. (*Levanta o reposteiro*) Olhae,
 lá vae elle a desapparecer. Vae a El-rei.

D. ANTONIO

Tambem eu. Tu, não, minha bôa Catharina. A rainha espera-
 vos. (*D. Catharina faz uma reverencia e caminha para a
 porta da esquerda*). Ide, ide, minha gentil flôr... (*A D. Ma-
 noel*) Gentil, não a achaes?

D. MANOEL

Gentilissima.

D. ANTONIO

Agradecei, Catharina.

D. CATHARINA

Agradeço; mas o certo é que o senhor D. Manoel é rico de
 louvores...

CAMINHA

Até lhe sei o fim :

Se me pergunta alguém porque assim ando
 Respondo que não sei, porém suspeito
 Que só porque vos vi, minha senhora.

(*Fitando-lhe muito os olhos*) Esta senhora... Sabeis vós,
 de certo, quem é esta senhora do poeta, como eu o sei, como o
 sabem todos... Naturalmente amam-se ainda muito?..

D. MANOEL a parte

Que quererá elle?

CAMINHA

Amam-se por força.

D. MANOEL

Cuido que não.

CAMINHA

Que não?

D. MANOEL

Acabou, como tudo acaba.

CAMINHA, sorrindo

Andae lá ; não sei se me dizeis tudo. Amigos sois, e não é im-
 possível que tambem vós... Onde está a nossa gentil senhora
 D. Francisca de Aragão?

D. MANOEL

Que tem?

CAMINHA

Vêde: um simples nome vos faz estremecer de colera. Mas,
 abrandae a colera, que não sou vosso inimigo ; mui ao con-
 trario ; amo-vos, e a ella tambem... e respeito-a muito. Um
 para o outro nascestes. Mas, adeus, faz-se tarde, vou ter
 com El-rei. (*Sae pela direita*)

SCENA II

D. MANOEL DE PORTUGAL

Este homem! Este homem!.. Como se os versos d'elle,
 durose ensóssos... (*Vae á porta por onde Caminha saiu,
 e levanta o reposteiro*). Lá vae elle ; vae cabisbaixo ; rumina
 talvez alguma cousa. Que não sejam versos! (*Ao fundo appa-
 recem D. Antonio de Lima e D. Catharina de Athayde.*)

SCENA III

D. MANOEL DE PORTUGAL, D. CATHARINA DE ATHAYDE,
 D. ANTONIO DE LIMA

D. ANTONIO DE LIMA

Que espreitaes ahi, senhor D. Manoel?

D. MANOEL

Estava a vêr o porte elegante do nosso Caminha. Não vades
 suppôr que era alguma dama. (*Levanta o reposteiro*) Olhae,
 lá vae elle a desapparecer. Vae a El-rei.

D. ANTONIO

Tambem eu. Tu, não, minha bôa Catharina. A rainha espera-
 vos. (*D. Catharina faz uma reverencia e caminha para a
 porta da esquerda*). Ide, ide, minha gentil flôr... (*A D. Ma-
 noel*) Gentil, não a achaes?

D. MANOEL

Gentilissima.

D. ANTONIO

Agradecei, Catharina.

D. CATHARINA

Agradeço ; mas o certo é que o senhor D. Manoel é rico de
 louvores...

D. MANOEL

Eu podia dizer que a natureza é que foi comvosco pródiga de graças; mas, não digo; seria repetir mal aquillo que só poetas podem dizer bem. (*D. Antonio fecha o rosto*). Dizem que tambem sou poeta, é verdade; não sei; faço versos. Adeus, senhor D. Antonio... (*Corteja-os e sde. D. Catharina vae a entrar, á esquerda. D. Antonio detem-n'a*).

SCENA IV

D. ANTONIO DE LIMA, D. CATHARINA DE ATHAYDE

D. ANTONIO

Ouviste aquillo?

D. CATHARINA, parando

Aquillo?

D. ANTONIO

« Que só poetas podem dizer bem » foram as palavras d'elle. (*D. Catharina aproxima-se*). Vês tu, filha? Tão divulgadas andam já essas cousas, que até se dizem nas barbas de teu pae!

D. CATHARINA

Senhor, um gracejo...

D. ANTONIO, enfadando-se

Um gracejo injurioso, que eu não consinto, que não quero, que me dóe... Que só poetas podem dizer bem! E que poeta! Pergunta ao nosso Caminha o que é esse atrevido, o que vale a sua poesia... Mas, que seja outra e melhor, não a quero para mim, nem para ti. Não te criei para entregar-te ás mãos do primeiro que passa, e lhe dá na cabeça haver-te.

D. CATHARINA, procurando moderar-o

Meu pae...

D. ANTONIO

Teu pae, e teu senhor!

D. CATHARINA

Meu senhor e pae... juro-vos que... juro-vos que vos quero e muito... Por quem sois, não vos irriteis contra mim!

D. ANTONIO

Jura que me obedecerás.

D. CATHARINA

Não é essa a minha obrigação?

D. ANTONIO

Obrigação é, e a mais grave de todas. Olha-me bem, filha; eu amo-te como pae que sou. Agora, anda, vae.

SCENA V

D. ANTONIO DE LIMA, D. CATHARINA DE ATHAYDE,
D. FRANCISCA DE ARAGAO

D. ANTONIO

Mas não, não vás sem falar á senhora D. Francisca de Aragão, que ahi nos apparece, fresca como a rosa que desabotoou agora mesmo, ou como dizia a farça do nosso Gil Vicente, que eu ouvi ha tantos annos, por tempo do nosso serenissimo senhor D. Manoel... Velho estou, minha formosa dama...

D. FRANCISCA

E que dizia a farça?

D. ANTONIO

A farça dizia:

E' bonita como estrella,
Uma rosinha de Abril,
Uma frescura de Maio,
Tão manhosa, tão subtil!

Vêde que a farça adivinhava já a nossa D. Francisca de Aragão, uma frescura de Maio, tão manhosa, tão subtil...

D. FRANCISCA

Manhosa, eu?

D. ANTONIO

E subtil. Não vos esqueça a rima, que é de lei. (*Vae a sair pela porta da direita; apparece Camões.*)

SCENA VI

Os MESMOS, CAMÕES

D. CATHARINA, a parte

Elle!

D. FRANCISCA, baixo a D. Catharina

Socegae!

D. ANTONIO

Vinde cá, senhor poeta das gallinhas. Já me chegou aos ouvidos o vosso lindo epigramma. Lindo, sim; e estou que não vos custaria mais tempo a fazel-o do que eu a dizer-vos que me divertiu muito... E o duque? O duque, ainda não emendou a mão? Ha de emendar, que não é nenhum mesquinho.

CAMÕES, alegremente

Pois El-rei deseja o contrario...

D. ANTONIO

Ah! Sua Alteza falou-vos d'isso?... Contar-m'o-heis em tempo. (*A D. Catharina, com intenção*) Minha filha e senhora, não ides ter com a rainha? eu vou falar a El-rei. (*D. Catharina corteja-os e dirige-se para a esquerda; D. Antonio sde pela direita.*)

SCENA VII

Os MESMOS, menos D. ANTONIO DE LIMA

(D. Catharina quer sair, D. Francisca de Aragão detem-n'a.)

D. FRANCISCA

Ficae, ficae...

D. CATHARINA

Deixae-me ir!

CAMÕES

Fugis de mim?

D. CATHARINA

Fujo... Assim o querem todos.

CAMÕES

Todos! todos quem?

D. FRANCISCA, indo a Camões

Socegae. Tendes, na verdade, um genio, uns espiritos... Que ha de ser? Corre a mais e mais a noticia dos vossos amores... e o senhor D. Antonio, que é pae, e pae severo...

CAMÕES, vivamente a D. Catharina

Ameaça-vos?

D. CATHARINA

Não; dá-me conselhos... bons conselhos, meu Luiz. Não vos quer mal, não quer... Vamos lá; eu é que sou desatinada. Mas, passou. Dizei-nos lá esses versos de que falaveis ha pouco. Um epigramma, não é? Ha de ser tão bonito como os outros... menos um.

CAMÕES

Um?

D. CATHARINA

Sim, o que fizestes a D. Guiomar de Blasfé.

CAMÕES, com desdem

Que monta? Bem frouxos versos.

D. FRANCISCA

Não tanto; mas eram feitos a D. Guiomar, e os peiores versos d'este mundo são os que se fazem a outras damas. (*A D. Catharina*) Acertei? (*A Camões*) Ora, andae, vou deixar-vos; dissei o caso do vosso epigramma, não a mim, que já o sei de cór, porém a ella que ainda não sabe nada... E que foi que vos disse El-rei?

CAMÕES

El-rei viu-me, e dignou-se chamar-me; fitou-me um pouco a sua real vista, e disse com brandura:— « Tomára eu, senhor poeta, que todos os duques vos faltem com gallinhas, por que assim nos alegrareis com versos tão chistosos. »

D. FRANCISCA

Disse-vos isto? é um grande espirito El-rei!

D. CATHARINA a D. Francisca

Não é? (*A Camões*) E vós que lhe dissestes?

CAMÕES

Eu? nada... ou quasi nada. Era tão inopinado o louvor que me tomou a fala. E, comtudo, se eu pudesse responder agora... agora que recobrei os espiritos... dir-lhe-hia que ha aqui (*leva a mão à frente*) alguma cousa mais do que simples versos de desenfado... dir-lhe-hia que... (*Fica absorto um instante, depois olha alternadamente para as duas damas, entre as quaes se acha.*) Um sonho... A's vezes cuido conter cá dentro mais do que a minha vida e o meu seculo... Sonhos... sonhos! A realidade é que vós sois as duas mais lindas damas da christandade, e que o amor é a alma do universo!

D. FRANCISCA

O amor, e a espada, senhor brigão!

CAMÕES, alegremente

Porque me não dáes logo as alcunhas que me hão de ter posto os poltrões do Rocio? Vingam-se com isso, que é a desforra da poltroneria... Não sabeis? Naturalmente não; vós gastaes as horas nos labores e recreios do paço; mora aqui a doce paz do espirito...

D. CATHARINA, com intenção

Nem sempre.

D. FRANCISCA, a Camões, sorrindo

Isto é convosco; e eu, que posso ser indiscreta, não me detenho a ouvir mais nada. (*Dá alguns passos para o fundo.*)

D. CATHARINA

Vinde cá...

D. FRANCISCA

Vou-me... vou a consolar o nosso Caminha, que ha de estar um pouco enfadado... Ouviu elle o que El-rei vos disse?

CAMÕES

Ouviu; que tem?

D. FRANCISCA

Não ouviria de boa sombra.

CAMÕES

Póde ser que não... dizem-me que não. (*A D. Catharina*) Pareceis inquieta...

D. CATHARINA a D. Francisca

Não vades, não vades; ficae um instante.

CAMÕES a D. Francisca

Irei eu.

D. FRANCISCA

Não, senhor; irei eu só. (*São pelo fundo.*)

SCENA VIII

CAMÕES, D. CATHARINA DE ATHAYDE

CAMÕES, com uma reverencia

Irei eu. Adeus, minha senhora D. Catharina de Athayde!
(*D. Catharina dá um passo para elle*) Mantenha-vos Deus na sua santa guarda.

D. CATHARINA

Não... vindê cá... (*Camões detem-se*) Enfadei-vos?
Vinde um pouco mais perto. (*Camões aproxima-se*) Que vos fiz eu? Duvidaes de mim?

CAMÕES

Cuido que me querieis ausente.

D. CATHARINA

Luiz! (*Inquieta*) Vêde esta sala, estas paredes... falarmos a sós... Duvidaes de mim?

CAMÕES

Não duvido de vós; não duvido da vossa ternura; da vossa firmeza é que eu duvido.

D. CATHARINA

Receiaes que fraqueie algum dia?

CAMÕES

Receio; chorareis muitas lagrimas, muitas e amargas... mas, cuido que fraqueareis.

D. CATHARINA

Luiz! juro-vos...

CAMÕES

Perdoae, se vos offende esta palavra. Ella é sincera; subi-me do coração á boca. Não posso guardar a verdade; perder-me-hei algum dia por dizel-a sem rebuço. Assim me fez a natureza, assim irei á sepultura.

D. CATHARINA

Não, não fraquearei, juro-vos. Amo-vos muito, bem o sabeis. Posso chegar a affrontar tudo, até a colera de meu pae. Vêde lá, estamos a sós; se nos vira alguém... (*Camões dá um passo para sair*) Não, vinde cá. Mas, se nos vira alguém, defronte um do outro, no meio de uma sala deserta, que pensaria? Não sei que pensaria; tinha medo ha pouco; já não tenho medo... amor sim... O que eu tenho é amor, meu Luiz.

CAMÕES

Minha boa Catharina!

D. CATHARINA

Não me chameis boa, que eu não sei se o sou... Nem boa, nem má.

CAMÕES

Divina sois!

D. CATHARINA

Não me deis nomes que são sacrilegios.

CAMÕES

Que outro vos cabe?

D. CATHARINA

Nenhum.

CAMÕES

Nenhum? — Simplesmente a minha doce e formosa senhora D. Catharina de Athayde, uma nympha do paço, que se lembrou de amar um triste escudeiro, sem reparar que seu pae a guarda para algum solar opulento, algum grande cargo de camareira-mór. Tudo isso havereis, emquanto que o coitado de Camões irá morrer em Africa ou Asia...

D. CATHARINA

Teimoso sois! Sempre essas idéas de Africa...

CAMÕES

Ou Asia. Que tem isso? Digo-vos que, às vezes, a dormir, imagino lá estar, longe dos galanteios da côrte, armado em guerra, diante do gentio. Imaginae agora...

D. CATHARINA

Não imagino nada; vós sois meu, tão só meu, tão sómente meu. Que me importa o gentio, ou o Turco, ou que quer que é, que não sei, nem quero? Tinha que ver, se me deixaveis, para ir às vossas Africas... E os meus sonetos? Quem m'os havia de fazer, meu rico poeta?

CAMÕES

Não faltará quem vol-os faça, e da maior perfeição.

D. CATHARINA

Póde ser; mas eu quero-os ruins, como os vossos... como aquelle da Circe, o meu retrato, dissesteis vós.

CAMÕES, recitando

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso...

D. CATHARINA

Não acabeis, que me obrigarieis a fugir de vexada.

CAMÕES

De vexada! Quando é que a rosa se vexou, porque o sol a beijou de longe?

D. CATHARINA

Bem respondido, meu claro sol.

CAMÕES

Deixae-me repetir que sois divina. Nathercia minha, póde a sorte separar-nos, ou a morte de um ou de outro; mas o amor subsiste, longe ou perto, na morte ou na vida, no mais baixo estado, ou no cimo das grandezas humanas, não é assim? Deixae-me crêl-o, ao menos; deixae-me crêr que ha um vinculo secreto e forte, que nem os homens, nem a propria natureza poderia já destruir. Deixae-me crêr... Não me ouvis?

D. CATHARINA, enlevada

Ouço, ouço.

CAMÕES

Crêr que a ultima palavra de vossos labios será o meu nome. Será?... Tenha eu esta fé, e não se me dará da adversidade; sentir-me-hei afortunado e grande. Grande, ouvis bem? Maior que todos os demais homens.

D. CATHARINA

Acabae!

CAMÕES

Que mais?

D. CATHARINA

Não sei; mas é tão doce ouvir-vos! Acabae, acabae, meu poeta! Ou antes, não, não acabeis; falae sempre, deixae-me ficar perpetuamente a escutar-vos.

CAMÕES

Ai de nós! A perpetuidade é um simples instante, um instante em que nos deixam sós n'esta sala! (*D. Catharina afasta-se rapidamente*) Olhae; só a idéa do perigo vos arredou de mim.

D. CATHARINA

Na verdade, se nos vissem... Se alguém ahi, por esses reposteiros... Adeus...

CAMÕES

Medrosa, eterna medrosa!

D. CATHARINA

Póde ser que sim; mas não está isso mesmo no meu retrato?

Um encolhido ousar, uma brandura,
Um medo sem ter culpa; um ar sereno,
Um longo e obediente sofrimento...

CAMÕES

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

D. CATHARINA, indo a elle

Pois então? A vossa Circe manda-vos que não duvideis d'ella, que lhe perdoeis os medos, tão proprios do logar e da condição; manda-vos crer e amar. Se ella às vezes foge, é porque a espreitam; se vos não responde, é porque outros ouvidos poderiam escutal-a. Entendeis? E' o que vos manda dizer a vossa Circe, meu poeta... e agora... (*Estende-lhe a mão*) Adeus!

CAMÕES

Ides-vos?

D. CATHARINA

A rainha espera-me. Audazes fomos, Luiz. Não desafemos o paço... que esses reposteiros...

CAMÕES

Deixa-me ir ver!

D. CATHARINA, detendo-o

Não, não. Separemos-nos.

CAMÕES

Adeus! (*D. Catharina dirige-se para a porta da esquerda; Camões olha para a porta da direita.*)

D. CATHARINA

Andae, andae!

CAMÕES

Um instante ainda!

D. CATHARINA

Imprudente! Por quem sois, ide-vos, meu Luiz!

CAMÕES

A Rainha espera-vos?

D. CATHARINA

Espera.

CAMÕES

Tão raro é ver-vos!

D. CATHARINA

Não affrontemos o céu... podem dar connoseo...

CAMÕES

Que venham! Tomára eu que nos vissem! Bradaria a todos o meu amor, e á fé que o faria respeitar!

D. CATHARINA, afflicta, pegando-lhe na mão

Reparae, meu Luiz, reparae; onde estaes, quem eu sou, o que são estas paredes... domae esse genio arrebatado. Peço-vol-o eu. Ide-vos em boa paz, sim?

CAMÕES

Viva a minha corça gentil, a minha timida corça! Ora vos juro que me vou, e de corrida. Adeus!

D. CATHARINA

Adeus!

CAMÕES, com a mão della presa

Adeus!

D. CATHARINA

Ide... deixae-me ir!

CAMÕES

Hoje ha luar; se virdes um embuçado deante das vossas janelas, quedado a olhar para cima, desconfiae que sou eu; e então, já não é o sol a beijar de longe uma rosa, é o goivo que pede calor a uma estrella.

D. CATHARINA

Cautela, não vos reconheçam.

CAMÕES

Cautela haverei; mas que me reconheçam, que tem isso? embargarei a palavra ao importuno.

D. CATHARINA

Socegae. Adeus!

CAMÕES

Adeus! (*D. Catharina dirige-se para a porta da esquerda, e pára deante d'ella, á espera que Camões saia. Camões corteja-a com um gesto gracioso, e dirige-se para o fundo. — Levanta-se o reposteiro da porta da direita, e apparece Caminha. — D. Catharina dá um pequeno grito, e sãe precipitadamente. — Camões detem-se. Os dois homens olham-se por um instante.*)

SCENA IX

CAMÕES, CAMINHA

CAMINHA, entrando

Discreteaveis com alguém, ao que parece...

CAMÕES

E' verdade.

CAMINHA

Ouvi de longe a vossa fala, e reconheci-a. Vi logo que era o nosso poeta, de quem tratava ha pouco com alguns fidalgos. Sois o bem amado, entre os ultimos de Coimbra.—Com que, discreteaveis... Com alguma dama?

CAMÕES

Com uma dama.

CAMINHA

Certamente formosa, que não as há de outra casta n'estes reaes paços. Sua Alteza, cuidó que continuará, e ainda em bem, algumas boas tradições de El-rei seu paé. Damas formosas, e, quanto possivel, lettradas. São estes, dizem, os bons costumes italianos. E' vós, senhor Camões, porque não ides a Italia?

CAMÕES

Irei á Italia, mas passando por Africa.

CAMINHA

Ah! Ah! para lá deixar primeiro um braço, uma perna, ou um olho... Não, poupae os olhos, que são o feitiço d'essas damas da côrte; poupae tambem a mão, com que nos haveis de escrever tão lindos versos; isto vos digo que poupeis...

CAMÕES

Uma palavra, senhor Pero de Andrade, uma só palavra, mas sincera.

CAMINHA

Dizei.

CAMÕES

Dissimulaes algum outro pensamento. Revelae-m'o... intimo-vos que m'o reveleis.

CAMINHA

Ide a Italia, senhor Camões, ide a Italia.

CAMÕES

Não resistireis muito tempo ao que vos mando.

CAMINHA

Ou a Africa, se o quereis... ou a Babylonia... A Babylonia é melhor; levae a harpa ao desterro, mas em vez de a pendurar de um salgueiro, como na Escriptura, cantar-nos-heis a linda copla da gallinha, ou comporeis umas outras voltas ao mote, que já vos serviu tão bem:

Perdigão perdeu a penna,

Não ha mal que lhe não venha.

Ide a Babylonia, senhor Perdigão!

CAMÕES, pegando-lhe no pulso

Por vida minha, calae-vós!

CAMINHA

Vêde o logar em que estaes.

CAMÕES, solta-o

Vejo; vejo tambem quem sois; só não vejo o que odiaes em mim.

CAMINHA

Nada.

CAMÕES

Nada?

CAMINHA

Cousa nenhuma.

CAMÕES

Mentis pela'gorja, senhor camareiro.

CAMINHA

Minto? Vêde lá; ia-me deixando arrebatado, ia conspurcando com alguma villania esta sala de El-rei. Retraí-me a tempo. Menti, dizeis vós?—Póde ser que sim, porque eu creio que effectivamente vos odeio, mas só ha um instante, depois que me pagastes com uma injuria o aviso que vos dei.

CAMÕES

Um aviso?

CAMINHA

Nada menos. Queria eu dizer-vos que as paredes do paço nem são mudas, nem sempre são caladas.

CAMÕES

Não serão; mas eu as farei caladas.

CAMINHA

Póde ser. Essa dama era...

CAMÕES

Não reparei bem.

CAMINHA

Fizestes mal; é prudencia reparar nas damas; prudencia e cortezia. Com que, ides a Africa? Lá estão os nossos em Mazagão, commettendo façanhas contra essa canalha de Mafamede; imitae-os. Vêde, não deixeis lá esse braço, com que nos haveis de calar as paredes e os reposteiros. É conselho de amigo.

CAMÕES

Porque serieis meu amigo?

CAMINHA

Não digo que o seja; o conselho é o que é.

CAMÕES

Credes, então...?

CAMINHA

Que poupareis uma grande dôr e um maior escandalo.

CAMÕES

Percebo-vos. Imaginaes que amo alguma dama? Supponhamos que sim. Qual é o meu delicto? Em que ordenação, em que rescripto, em que bulla, em que escriptura, divina ou humana, foi já dado como delicto amarem-se duas creaturas?

CAMINHA

Deixae a côrte.

CAMÕES

Digo-vos que não.

CAMINHA

Oxalá que não!

CAMÕES, a parte

Este homem... que ha neste homem? lealdade ou perfidia? (*Alto*) Adeus, senhor Caminha. (*Pára no meio da scena*) Porque não tratámos de versos?... Fôra muito melhor...

CAMINHA

Adeus, senhor Camões. (*Camões sae.*)

SCENA X

CAMINHA, *logo* D. CATHARINA DE ATHAYDE

CAMINHA

Ide, ide, magro poeta de camarins... (*Desce ao proscenio*) Era ella, de certo, era ella que ali estava com elle, no meio do paço, esquecidos de El-rei e de todos... Oh temeridade do amor! Do amor?... elle... elle... Mas seria ella devéras?... Que outra podia ser?

D. CATHARINA, espreita e entra

Senhor... senhor!..

CAMINHA

Ella!

D. CATHARINA

Ouvi tudo... tudo o que lhe dissestes... e peço-vos que não nos façaes mal. Sois amigo de meu pae, elle é vosso amigo; não lhe digaes nada. Fui imprudente, fui, mas que quereis? (*Vendo que Caminha não diz nada*) Então? falae... poderei contar comvosco?

CAMINHA

Commigo? (*D. Catharina inquieta, afflicta, pega-lhe na mão; elle retira-lh'a com aspereza*) Contar commigo! para que, minha senhora D. Catharina? Amaes um mancebo digno, porque vós o amaes... muito, não?

D. CATHARINA

Muito.

CAMINHA

Muito ! Muito, dizeis... E éreis vós que estaveis aqui, com elle, nesta sala solitaria, juntos um do outro, a falarem naturalmente do céu e da terra... ou só do céu, que é a terra dos namorados. Que dizeis ?..

D. CATHARINA, baixando os olhos

Senhor...

CAMINHA

Galanteios, galanteios, de que se ha de falar lá fóra... (*Gesto de D. Catharina*) Ah ! Cuidaes que estes amores nascem e morrem no paço ? — Não ; passam além ; descem á rua, são o mantimento dos ociosos, e ainda dos que trabalham, porque, ao serão, principalmente nas noites de inverno, em que se ha de occupar a gente, depois de fazer as suas orações ? Com que, éreis vós ? Pois digo-vos que o não sabia ; suspeitava, porque não podia talvez ser outra... E confessaes que lhe quereis muito. Muito ?

D. CATHARINA

Póde ser fraqueza ; mas crime... onde está o crime ?

CAMINHA

O crime está em deshonnar as cans de um nobre homem, arrastando-lhe o nome por viélas e praças ; o crime está em escandalisar a côrte, com essas ternuras, improprias do alto cargo que exercéis, do vosso sexo e estado... esse é o crime. E parece-vos pequeno ?

D. CATHARINA

Bem ; desculpae-me, não direis nada...

CAMINHA

Não sei.

D. CATHARINA

Peço-vol-o... de joelhos até... (*Faz um gesto para ajoelhar-se, elle impede-lh'o.*)

CAMINHA

Perdereis o tempo ; eu sou amigo de vosso pae.

D. CATHARINA

Contar-lhe-heis tudo ?

CAMINHA

Talvez.

D. CATHARINA

Bem m'o diziam sempre ; sois inimigo de Camões.

CAMINHA

E sou.

D. CATHARINA

Que vos fez elle ?

CAMINHA

Que me fez ? (*Pausa*) D. Catharina de Athayde, quereis saber o que me fez o vosso Camões ? Não é só a sua soberba que me affronta ; fosse só isso, e que me importava um frouxo cirzidor de palavras, sem arte, nem conceito ?

D. CATHARINA

Acabae.

CAMINHA

Tambem não é porque elle vos ama, que eu o odeio ; mas vós, senhora D. Catharina de Athayde, vós o amaes... eis o crime de Camões. Entendeis ?

D. CATHARINA, depois de um instante de assombro

Não quero entender.

CAMINHA

Sim, que tambem eu vos quero, ouvis?—E quero-vos muito... mais do que elle, e melhor do que elle; porque o meu amor tem o impulso do odio, nutre-se do silencio, o desdem o avigora, e não faço alarde nem escandalo; é um amor...

D. CATHARINA

Calae-vos! Pela virgem, calae-vos!

CAMINHA

Que me cale? Obedecerei. (*Faz uma reverencia*) Mandaes alguma outra cousa?

D. CATHARINA

Não, ficae. Jurae-me que não direis cousa nenhuma...

CAMINHA

Depois da confissão que vos fiz, esse pedido chega a ser mofa. Que não diga nada? Direi tudo, revelarei tudo a vosso pae. Não sei se a acção é má ou bôa; sei que vos amo, e que detesto esse rufião, a quem vadios deram fóros de lettrado.

D. CATHARINA

Senhor! E' de mais!...

CAMINHA

Defendeil-o, não é assim?

D. CATHARINA

Odeae-o, se vos apraz; insultal-o, é que não é de cavalleiro...

CAMINHA

Que tem? O amor despresado sangra e fere.

D. CATHARINA

Deixae que lhe chame um amor villão.

CAMINHA

Sois vós agora que me injuriaes. Adeus, senhora D. Catharina de Athayde! (*Dirige-se para o fundo.*)

D. CATHARINA, tomando-lhe o passo

Não! Agora não vos peço... intimo-vos que vos caleis.

CAMINHA

Que recompensa me daes?

D. CATHARINA

A vossa consciencia.

CAMINHA

Deixae em paz os que dormem. Não vos peço nada. Quereis que vos prometta alguma cousa? Uma só cousa prometto; não contar a vosso pae o que se passou. Mas, se por denuncia ou desconfiança, fôr interrogado por elle, então lhe direi tudo. E duas vezes farei bem:—não faltarei á verdade, que é dever de cavalleiro; e depois... chorareis lagrimas de sangue; e eu prefiro ver-vos chorar a ver-vos sorrir. A vossa angustia será a minha consolação. Onde fallecerdes de pura saudade, ahi me glorificarei eu. Chamae-me agora perverso, se o quereis, eu respondo que vos amo... e que não tenho outra virtude. (*Vae a sair, encontra-se com D. Francisca de Aragão; corre-a e sde.*)

SCENA XI

D. CATHARINA DE ATHAYDE, D. FRANCISCA DE ARAGAO

D. FRANCISCA

Vae affrontado o nosso poeta. Que terá elle? (*Reparando em D. Catharina*) Que tendes vós?... que foi?

D. CATHARINA

Tudo sabe.

D. FRANCISCA

Quem?

D. CATHARINA

Esse homem. Achou-nos n'esta sala; eu tive medo; disse-lhe tudo.

D. FRANCISCA

Imprudente!

D. CATHARINA

Duas vezes imprudente; deixei-me estar ao lado do meu Luiz, a ouvir-lhe as palavras tão nobres, tão apaixonadas... e o tempo corria.... e podiam espreitar-nos.... Crêdes que o Caminha diga alguma cousa a meu pae?

D. FRANCISCA

Talvez não.

D. CATHARINA

Quem sabe? Elle ama-me.

D. FRANCISCA

O Caminha?

D. CATHARINA

Disse-m'o agora. Que admira? acha-me formosa, como os outros. Triste dom é esse. Sou formosa para não ser feliz, para ser amada ás occultas, odiada ás escancaras, e, talvez... Se meu pae vier a saber... que fará elle, amiga minha?

D. FRANCISCA

O senhor D. Antonio é tão severo!

D. CATHARINA

Irà ter com El-rei, pedir-lhe-ha que o castigue, que o encarcêre, não? E por minha causa... Não; primeiro irei eu... (*Dirige-se para a porta da direita.*)

D. FRANCISCA

Onde ides?

D. CATHARINA

Vou falar a El-rei... Ou, não... (*Encaminha-se para a porta da esquerda*) Vou ter com a rainha; contar-lhe-hei tudo; ella me amparará. Credes que não?

D. FRANCISCA

Creio que sim.

D. CATHARINA

Irei, ajoelhar-me-hei a seus pés. Ella é rainha, mas é tambem mulher... e ama-me. (*Sae pela esquerda.*)

SCENA XII

D. FRANCISCA DE ARAGÃO, D. ANTONIO DE LIMA,
depois D. MANOEL DE PORTUGAL

D. FRANCISCA, depois de um instante de reflexão

Talvez chegue cedo de mais. (*Dá um passo para a porta da esquerda.*) Não; melhor é que lhe fale... mas, se se aventa a noticia? Meu Deus, não sei... não sei... Ouço passos.. (*Entra D. Antonio de Lima*) Ah!

D. ANTONIO

Que foi?

D. FRANCISCA

Nada, nada... não sabia quem era. Sois vós... (*Risonha*) Chegaram galeões da Asia; boas noticias, dizem...

D. ANTONIO, sombrio

Eu não ouvi dizer nada. (*Querendo retirar-se*) Permittis?...

D. FRANCISCA

Jesus! Que tendes?... que ar é esse? (*Vendo entrar D. Manoel de Portugal*) Vinde cá, senhor. D. Manoel de Portugal, vinde saber o que tem este meu bom e velho amigo, que me não quer... (*Segurando na mão de D. Antonio*) Então, eu já não sou a vossa frescura de Maio?...

D. ANTONIO, sorrindo, a custo

Sois, sois. Manhosamente subtil, ou subtilmente manhosa, à escolha; eu é que sou uma triste seccura de Dezembro, que me vou e vos deixo. Permittis, não? (*Corteja-a e dirige-se para a porta.*)

D. MANOEL, interpondo-se

Deixae que vos levante o reposteiro. (*Levanta o reposteiro*) Ides ter com Sua Alteza, supponho?

D. ANTONIO

Vou.

D. MANOEL

Ides levar-lhe noticias da India?

D. ANTONIO

Sabeis que não é o meu cargo...

D. MANOEL

Sei, sei; mas dizem que... Senhor D. Antonio, acho-vos o rosto anuviado, alguma cousa vos penalisa ou turva. Sabeis que sou vosso amigo; perdoae se vos interrogo. Que foi? que ha?

D. ANTONIO, gravemente

Senhor D. Manoel, tendes vinte e sete annos, eu conto sessenta; deixae-me passar. (*D. Manoel inclina-se, levantando o reposteiro. D. Antonio desapparece.*)

SCENA XIII

D. MANOEL DE PORTUGAL, D. FRANCISCA DE ARAGÃO.

D. MANOEL

Vae dizer tudo a El-rei.

D. FRANCISCA

Crêdes?

D. MANOEL

Camões contou-me o encontro que tivera com o Caminha aqui; eu ia falar ao senhor D. Antonio; achei-o agora mesmo, ao pé de uma janella, com o dissimulado Caminha, que lhe dizia: « Não vos nego, senhor D. Antonio, que os achei naquella sala, a sós, e que vossa filha fugiu desde que eu lá entrei. »

D. FRANCISCA

Ouvistes isso?

D. MANOEL

D. Antonio ficou severo e triste. « Querem escandalo?... » foram as suas palavras. E não disse outras; apertou a mão ao Caminha, e seguiu para cá... Penso que foi pedir alguma cousa a El-rei. Talvez o desterro.

D. FRANCISCA

O desterro?

D. MANOEL

Talvez. Camões ha de voltar agora aqui; disse-me que viria falar ao senhor D. Antonio. Para que? Que outros lhe falem sim; mas o meu Luiz que não sabe conter-se... D. Catharina?

D. FRANCISCA

Foi lançar-se aos pés da rainha, a pedir-lhe protecção.

D. MANOEL

Outra imprudencia. Foi ha muito?

D. FRANCISCA

Pouco ha.

D. MANOEL

Ide ter com ella, se é tempo, e dizei-lhe que não, que não convem falar nada. (*D. Francisca vae a sair, e pára*) Recusaes?

D. FRANCISCA

Vou, vou. Pensava commigo uma cousa. (*D. Manoel vae a ella*) Pensava que é preciso querer muito áquelles dois para nos esquecermos assim de nós.

D. MANOEL

E' verdade. E não ha mais nobre motivo da nossa mutua indiferença. Indiferença, não; não o é, nem o podia ser nunca. No meio de toda essa angustia que nos cerca, poderia eu esquecer a minha doce Aragão? Podereis vós esquecer-me? Ide agora, nós que somos felizes, temos o dever de consolar os desgraçados. (*D. Francisca sde pela esquerda.*)

SCENA XIV

D. MANOEL DE PORTUGAL, logo D. ANTONIO DE LIMA

D. MANOEL

Se pérco o confidente dos meus amores, da minha mocidade, o meu companheiro de longas horas.. Não é impossível. — El-rei concederá o que lhe pedir D. Antonio. A culpa,—força é confessal-o— a culpa é d'elle, do meu Camões, do meu impetuoso poeta; um coração sem freio... (*Abre-se o reposteiro, apparece D. Antonio*) D. Antonio!

D. ANTONIO, da porta, jubiloso

Interrogastes-me ha pouco; agora hei tempo de vos responder.

D. MANOEL

Talvez não seja preciso.

D. ANTONIO, adianta-se

Adivinhaes então?

D. MANOEL

Póde ser que sim.

D. ANTONIO

Creio que adivinhaes.

D. MANOEL

Sua Alteza concedeu-vos o desterro de Camões.

D. ANTONIO

Esse é o nome da pena; a realidade é que Sua Alteza restituiu a honra a um vassallo, e a paz a um ancião.

D. MANOEL

Senhor D. Antonio...

Tomo V.—1.º de julho, 1880

D. ANTONIO

Nem mais uma palavra, senhor D. Manoel de Portugal, nem mais uma palavra. — Mancebo sois; é natural que vos ponhaes do lado do amor; eu sou velho, e a velhice ama o respeito. Até à vista, senhor D. Manoel, e não turveis o meu contentamento. *(Dá um passo para sair)*

D. MANOEL

Se mataes vossa filha?

D. ANTONIO

Não a matarei. Amores faceis de curar são esses que ahi brotam no meio de galanteios e versos. Versos curam tudo. Só não curam a honra os versos; mas para a honra dá Deus um rei austero, e um pae inflexivel... Até à vista, senhor D. Manoel. *(Sae pela esquerda.)*

SCENA XV

D. MANOEL DE PORTUGAL, logo CAMÕES

D. MANOEL

Perdido... está tudo perdido. *(Camões entra pelo fundo.)*
Meu pobre Luiz! Se soubesses...

CAMÕES

Que ha?

D. MANOEL

El-rei... El-rei attendeu às supplicas do senhor D. Antonio.
Está tudo perdido.

CAMÕES

E que pena me cabe?

D. MANOEL

Desterra-vos da côrte.

CAMÕES

Desterrado! Mas eu vou ter com Sua Alteza, eu direi...

D. MANOEL, aquietando-o

Não direis nada; não tendes mais que cumprir a real ordem; deixae que os vossos amigos façam alguma cousa; talvez logrem abrandar o rigor da pena. Vós não fareis mais do que aggraval-a.

CAMÕES

Desterrado! E para onde?

D. MANOEL

Não sei. Desterrado da côrte é o que é certo. Vêde... não ha mais demorar no paço. Saiamos.

CAMÕES

Ahi me vou eu, pois, caminho do desterro, e não sei se da miseria! Venceu então o Caminha? Talvez os versos d'elle fiquem assim melhores. Se nos vae dar uma nova *Eneida*, o Caminha? Pôde ser, tudo pôde ser... Desterrado da côrte! Cà me ficam os melhores dias, e as mais fundas saudades. Crêde, senhor D. Manoel, podeis crêr que as mais fundas saudades cà me ficam.

D. MANOEL

Tornareis, tornareis...

CAMÕES

E ella? Já o saberá ella?

D. MANOEL

Cuido que o senhor D. Antonio foi dizer-lh'o em pessoa.
Deus! Ahi vem elles.

SCENA XVI

Os MESMOS, D. ANTONIO DE LIMA, D. CATHARINA DE ATHAYDE

(D. Antonio apparece á porta da esquerda, trazendo D. Catharina pela mão.—D. Catharina vem profundamente abatida.)

D. CATHARINA, a parte, vendo Camões

Elle! Dae-me forças, meu Deus! (*D. Antonio corteja os dois, e segue na direcção do fundo. Camões dá um passo para falar-lhe, mas D. Manoel contem-n'ó. D. Catharina, prestes a sair, volve a cabeça para traz.*)

SCENA XVII

D. MANOEL DE PORTUGAL, CAMÕES

CAMÕES

Ella ahi vae... talvez para sempre... Credes que para sempre?

D. MANOEL

Não. Sáiamos!

CAMÕES

Vamos lá; deixemos estas salas que tão funestas me foram. (*Indo ao fundo e olhando para dentro*) Ella ahi vae, a minha estrella, ahi vae a resvalar no abysmo, d'onde não sei sea levantarei mais... Nem eu... (*voltando-se para D. Manoel*) nem vós, meu amigo, nem vós que me quereis tanto, ninguem.

D. MANOEL

Desanimaes depressa, Luiz. Porque ninguem?

CAMÕES

Não saberia dizer-vos; mas sinto-o aqui no coração. Essa clara luz, essa doce madrugada da minha vida, apagou-se agora mesmo, e de uma vez.

D. MANOEL

Confiae em mim, nos meus amigos, nos vossos amigos. Irei ter com elles; induzil-os-hei a....

CAMÕES

A que? A mortificarem um camareiro-mór, afim de servir um triste escudeiro, que já estará caminho de Africa?

D. MANOEL

Ides a Africa?

CAMÕES

Póde ser; sinto umas tonteiras africanas. Pois que me fecham a porta dos amores, abrirei eu mesmo as da guerra. Irei lá pelejar, ou não sei se morrer... Africa, disse eu? Póde ser que Asia tambem, ou Asia só; o que me der na imaginação.

D. MANOEL

Sáiamos.

CAMÕES

E agora, adeus, infieis paredes; sêde ao menos compassivas; guardae-m'a, guardae-m'a bem, a minha formosa D. Catharina! (*A D. Manoel*) Crêdes que tenho vontade de chorar?

D. MANOEL

Sáiamos, Luiz!

CAMÕES

E não choro, não; não choro... não quero.. (*Forcejando por ser alegre*) Vedes? até rio! Vou-me para bem longe. Considerando bem, Asia é melhor; lá rematou a audacia luzitana o seu edificio, lá irei escutar o rumor dos passos do nosso Vasco. E este sonho, esta chimera, esta cousa que me flammeja cá dentro, quem sabe se... Um grande sonho, senhor

D. Manoel... Vêde lá, ao longe, na immensidade d'esses mares, nunca d'antes navegados, uma figura rútila, que se debruça dos balcões da aurora, coroada de palmas indianas? E' a nossa gloria, é a nossa gloria que alonga os olhos, como a pedir o seu esposo occidental. E nenhum lhe vae dar o osculo que a fecunde; nenhum filho d'esta terra, nenhum que empunhe a tuba da immortalidade, para dizel-a aos quatro ventos do céu... Nenhum... (*Vae amortecendo a voz*) Nenhum... (*Pausa, fta D. Manoel como se acordasse e dá de hombros*) Uma grande chimera, senhor D. Manoel. Vamos ao nosso des-terro.

MACHADO DE ASSIS.

15 cm

TITULO

MACHADO DE ASSIS

REVISTA BRAZILEIRA

1880